

Natural e Verbal: extremos quanto ao conceito bíblico de inspiração

*Natural and Verbal:
extremes about the biblical concept of inspiration*

Ygor Almeida de Carvalho Silva

Resumo

Várias vezes, desde o Pentateuco até o Apocalipse, os escritores bíblicos vindicam que foram inspirados por Deus em sua obra. Porém, entre as diferentes correntes do Cristianismo não existe um consenso sobre o que a inspiração divina da Sagrada Escritura significa. Isto acontece porque em nenhuma parte da Bíblia há uma descrição detalhada desse conceito. São analisadas neste artigo as duas principais teorias: a) a da inspiração natural, fruto do liberalismo teológico que surgiu no século XVIII; e b) a da inspiração verbal, fruto do fundamentalismo evangélico surgido no final do século XIX. A presente pesquisa ocupa-se de apresentar o ensinamento, as limitações e os problemas de ambas as teorias, sugerindo, ao final, uma proposta de um conceito de inspiração que busca se aproximar ao máximo daquilo que as Escrituras trazem sobre o tema, ainda que em lampejos. Longe de pretender ser a palavra final sobre o assunto, este estudo procura mostrar como um conceito de inspiração bíblicamente coerente pode contribuir para uma exegese, uma hermenêutica, uma teologia e, conseqüentemente uma evangelização saudável.

Palavras-chave: Inspiração. Revelação. Natural. Verbal. Bíblia.

Abstract

Several times, from the Pentateuch to Revelation, biblical writers vindicate that they were inspired by God in their work. However, among the different

currents of Christianity there is no consensus on what the divine inspiration of Holy Scripture means. This is because nowhere in the Bible is there a detailed description of this concept. The two main theories are analyzed in this article: a) that of natural inspiration, the result of theological liberalism that emerged in the 18th century; and b) that of verbal inspiration, the result of evangelical fundamentalism that emerged at the end of the 19th century. The present research is concerned with presenting the teaching, limitations and problems of both theories, suggesting, in the end, a proposal for a concept of inspiration that seeks to get as close as possible to what the Scriptures bring on the subject, even if in flashes. Far from intending to be the final word on the subject, this study seeks to show how a biblically coherent concept of inspiration can contribute to a healthy exegesis, hermeneutics, theology and, consequently, to a healthy evangelization.

Keywords: Inspiration. Revelation. Natural. Verbal. Bible.

Introdução

De acordo com Ex 24,4, Moisés, no contexto da aliança do Sinai, “escreveu todas as palavras de YHWH”. Segundo o mesmo livro, depois de o povo ter quebrado esta aliança no culto ao bezerro de ouro, o Senhor ordenou que Moisés exarasse por escrito também as palavras da renovação que Ele estava fazendo (Ex 34,27). O emprego abundante que os profetas do AT fizeram de expressões como “Assim diz meu Senhor” (Is 7,7; 10,24; 22,15; Ab 1,1), “Assim diz YHWH” (Jr 2,2.5; Am 1,3.6.11.13; Mq 2,3; Na 1,12), “oráculo de YHWH” (Is 14,22 [duas vezes].23; Jr 1,15.19; Ez 13,6.7; Os 2,15.18.23), “oráculo do meu Senhor” (Is 3,15; Jr 2,19.22; Ez 5,11; Am 3,13) e “Houve uma palavra de YHWH para mim” (Jr 16,1; 18,6; Ez 3,16; Zc 8,1), mostra que eles tinham convicção de que eram inspirados por Deus ao transmitirem as suas mensagens. Aliás, alguns profetas só escreveram certas coisas por ordem expressa do Senhor (Is 8,1; Hab 2,2; Jr 36,2.27-28). Em Is 34,16 há uma associação direta e explícita entre o livro de YHWH e o que Ele ordena com a sua boca.

O Livro de Esdras começa afirmando que o decreto de Ciro para o retorno do exílio é o cumprimento da Palavra de YHWH pronunciada por Jeremias (Esd 1,1; Jr 25,11-12). Em Ne 8,1.14 está escrito que fora YHWH quem prescrevera a

Lei de Moisés para Israel; e em Ne 9,30 é dito que Deus, pelo seu Espírito, advertiu Israel por intermédio dos profetas. E Zacarias testemunha sobre “a instrução e as palavras que YHWH dos Exércitos enviou, por seu Espírito, através dos profetas anteriores” (Zc 7,12).

A tradição judaica reconhece esta inspiração divina dos escritores do AT, cuja produção já era denominada, no século II a.C., de “livros santos” (1Mc 12,9). Por exemplo, Eclo 38,34c-39,11 traz uma ode ao escritor sagrado, tendo na conta de alguém que aplica a sua alma a meditar na lei do Altíssimo (38,34cd), é profundamente devotado ao Criador (39,5), acha-se “repleto do espírito de inteligência” (39,6), cuja “lembança não será apagada” (39,9) e cuja sabedoria será publicada pelas nações (39,10).

Flávio Josefo afirma que os profetas “aprenderam do próprio Deus por inspiração;”¹ e que se tornara natural para todos os judeus, desde o seu nascimento, considerar as Escrituras Hebraicas como contendo doutrinas divinas, cumprir o que estava escrito nelas e, se necessário, morrer voluntariamente por elas.² E testemunha acerca da fidelidade religiosa dos judeus, mesmo em exílio ou escravidão: “muitos deles coletivamente, e frequentemente ao longo do tempo, foram vistos sofrendo torturas e mortes de todos os tipos nos teatros para que não fossem forçados a proferir uma palavra contra nossas leis e os registros que as contêm.”³ Por isto, em sua obra *Antiguidades Judaicas* 10,10,4, Josefo chama a Lei, os Profetas e os Escritos de “Sagradas Escrituras.”⁴

A crença arraigada de que as Escrituras Sagradas vieram a existir como resultado da inspiração do Espírito Santo tem sido ampla e persistente também entre os cristãos. Mas não existe um consenso sobre o que quer dizer “inspiração” entre as diversas correntes do Cristianismo. As concepções variam desde a teoria do ditado até a mera intuição humana.⁵ Fatores que contribuíram para esta diversidade de opiniões: a) embora o conceito seja bíblico, o termo “inspiração” não é; b) os vários teólogos que estudam o tema da inspiração

¹ JOSEPHUS, F. *Against Apion*, I, p.37.

² JOSEPHUS, F. *Against Apion*, I, p.42.

³ JOSEPHUS, F. *Against Apion*, I, p.43.

⁴ AGOSTINI FERNANDES, L. *Inspiração*, p.477.

⁵ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.39.

partem de pressupostos diferentes; e c) em nenhuma parte da Bíblia há uma descrição detalhada deste conceito,⁶ como num tratado de teologia.

O objetivo deste artigo é revisitar as principais propostas de conceito de inspiração divina da Sagrada Escritura que foram feitas ao longo da história do Cristianismo, avaliar duas dessas propostas que são muito influentes até hoje (teoria verbal e teoria natural) e propor um conceito de inspiração que mais se aproxime da Bíblia. Para isto e por isto, esta pesquisa segue esta metodologia: a) introdução, b) questões envolvendo a teoria da inspiração natural, c) questões concernentes aos conceitos de inspiração verbal e inerrância bíblica, d) proposta de um conceito bíblico de inspiração e e) conclusão.

1. Teoria da Inspiração Natural

Influenciado pelo racionalismo de René Descartes, o filósofo judeu Baruch Spinoza, na segunda metade do século XVII, começou a negar que a Bíblia Sagrada apresentasse uma revelação proposicional e que a lei do Senhor pudesse estar “confinada em certo número de livros.”⁷ Para ele, a Bíblia só seria a Palavra de Deus para aqueles que acreditam que a lei divina está escrita em seu coração.⁸ Spinoza “relegou a autoridade das Escrituras a questões puramente religiosas. Embora estivesse mergulhado na tradição rabínica, concluiu que a Bíblia é falível”⁹ e “indigna de confiança.”¹⁰ Em seus escritos, Spinoza dedicou-se à crítica antissobrenatural sistemática das Sagradas Escrituras. Na verdade, muitos dos pressupostos daqueles que, até hoje, abraçam a teoria da inspiração natural e usam o método histórico-crítico de forma tendenciosa, como ferramenta para minar a fé, podem encontrar sua origem na obra de Spinoza.¹¹

⁶ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.39.

⁷ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.157. Ver também CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.156.

⁸ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.157.

⁹ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.157.

¹⁰ CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.156.

¹¹ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.157.

1.1. Consolidação da teoria da inspiração natural e reações a ela nos séculos XVIII e XIX

Boa parte do debate moderno sobre a inspiração bíblica surgiu depois da morte de Spinoza, com o Iluminismo do século XVIII. Os movimentos intelectuais daquela época fizeram com que muitos estudiosos passassem a pôr em xeque a necessidade e até mesmo a existência de uma inspiração sobrenatural da Bíblia Sagrada. Tal questionamento desafiou os próprios fundamentos da fé cristã, manifestando-se, sobretudo, na forma de crítica racionalista e antropocêntrica, ou mesmo de inteira negação da Bíblia como fonte e registro inspirado da revelação.¹²

Os protestantes liberais, principalmente da Alemanha e mais especificamente da Escola de Tübingen, passaram a conceber um conceito de inspiração bíblica como sendo algo simplesmente natural do ser humano, funcionando semelhantemente à inspiração usada para a composição de qualquer outra obra literária. Neste conceito de inspiração natural ou intuitiva, o texto bíblico não passaria de mero fruto da imanência psicológica ou da imaginação, como no caso da inspiração artística que, num momento de enlevo, produz um poema, uma música ou um quadro.¹³ Não há uma influência pessoal, real e direta da parte de Deus,

a não ser aquilo que procede da imanência do Espírito Divino na alma humana. É a manifestação de um instinto religioso exacerbado no povo judeu. Uma opinião menos radical é a que supõe que Deus suscita no autor sentimentos nobres e elevados, ainda que não haja uma influência direta no ato de escrever.¹⁴

“A teoria da inspiração natural [...] ensina que a Bíblia foi escrita por homens dotados de gênio e força intelectuais especiais, como [...] Sócrates, Shakespeare, Camões [...] e inúmeros outros.”¹⁵ Assim, os princípios morais e religiosos revelados nas Escrituras são tidos como “uma coisa puramente subjetiva – matéria de opinião particular – não tendo nenhuma realidade

¹² VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.56; CANALE, F. *Revelação e Inspiração*, p.47; RODOR, A. A. *A Bíblia e a Inerrância*, p.17.

¹³ CORDERO, G. M. *Inspiración*, p.193; REIS, E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.61-62; RODOR, A. A. *A Bíblia e a Inerrância*, p.17; CANALE, F. *O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã*, p.11.

¹⁴ CORDERO, G. M. *Inspiración*, p.193.

¹⁵ GILBERTO, A. *A Bíblia Através dos Séculos*, p.33.

objetiva independente das opiniões que os homens têm dela.”¹⁶ Para o liberalismo teológico, a Bíblia é meramente um “testemunho humano de sentimentos religiosos, de autocompreensão e de pressentimentos éticos.”¹⁷

Isto, por sua vez, exigiu de cristãos que preservavam sua fé uma reflexão mais profunda sobre a realidade e a natureza do processo de revelação-inspiração.¹⁸ Para se adequar à incisiva crítica histórica e moral à qual a Escritura estava sendo submetida, vários eruditos da Grã-Bretanha sugeriram que a inspiração da Bíblia era apenas parcial ou gradual. De acordo com eles, a teoria dos graus de inspiração conservava a autoridade bíblica em questões de fé e prática, embora desse margem para erros históricos e imperfeições científicas na Escritura. Porém, outros como John Wesley e Johnatan Edwards, rejeitaram este argumento, e defenderam a inspiração plenária da Bíblia Sagrada.¹⁹

Daí, desde o século XVIII até o presente, o assunto da inspiração bíblica vem sendo tratado como uma das questões cruciais no debate teológico. Uma torrente interminável de literatura sobre este tema, às vezes calma, às vezes turbulenta, tem desafiado os cristãos.²⁰ Entre os protestantes, Friedrich Schleiermacher reagiria à teoria da inspiração natural com sua “teoria do encontro.”²¹ Sobre revelação-inspiração, ele postulou o seguinte:

De fato, seria difícil traçar uma linha divisória clara, sobretudo entre o que é revelado e o que vem à luz por inspiração de modo natural, a menos que nós estejamos preparados para voltar à posição de que a revelação só pode ser assumida quando, não um momento singular, mas toda uma existência é determinada por certa comunicação divina, e que o que é então proclamado por tal existência deva ser considerado como revelado.²²

Ou seja, de acordo com este raciocínio, o Criador não se revela e nem inspira um ser humano num determinado momento da história; pois inspiração

¹⁶ STRONG, A. H. *Teologia Sistemática*, v. 1, p.304.

¹⁷ PACKER, J. I. *Confrontando Conceitos dos Nossos Dias Acerca da Escritura*, p.82.

¹⁸ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.56.

¹⁹ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.57; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.143, 171-173.

²⁰ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p. 58.

²¹ CANALE, F. *Revelação e Inspiração*, p.53.

²² SCHLEIERMACHER, F. *The Christian Faith*, p.51.

divina é uma comunicação que se estabelece com uma pessoa ao longo de toda a sua vida, e o que é comunicado do início ao fim desta existência vem a ser a divina revelação. A teoria do encontro “sugere que a revelação divino-humana (encontro) ocorre, não em nível cognitivo, mas em um nível ‘existencial’ ou ‘interpessoal’, por meio da alma. Desse modo, a revelação é um encontro divino-humano, real e objetivo,”²³ mas que não envolve qualquer comunicação direta da parte de Deus.²⁴ Em Schleiermacher, o “foco da teologia deslocou-se cada vez mais do transcendente para o imanente.”²⁵

A despeito das pressões do liberalismo teológico, a Igreja Católica adotou, no século XIX e no início do século XX, uma posição bastante conservadora no tocante à doutrina de revelação-inspiração.²⁶ Um exemplo nítido disto foi a Carta Encíclica *Providentissimus Deus*, emitida pelo Papa Leão XIII em 1893. Ali, o pontífice rejeita o estudo bíblico racionalista que descarta o sobrenatural²⁷ e sai em defesa das posturas tradicionais, conforme sistematizadas pelo Concílio de Trento.²⁸

1.2. Reações à teoria da inspiração natural na primeira metade do século XX

No ano de 1920, por ocasião do décimo quinto centenário da morte de Jerônimo (347-420), Doutor da Igreja Católica, o Papa Bento XV publicou a

²³ CANALE, F. Revelação e Inspiração, p.54.

²⁴ CANALE, F. Revelação e Inspiração, p.54. Para maiores detalhes sobre a visão de Schleiermacher sobre o processo de revelação-inspiração das Escrituras, ver CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.143-153; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.162-164.

²⁵ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.58.

²⁶ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.59; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.145.

²⁷ LEÃO XIII, PP. *Providentissimus Deus*, 2, 7, 21, 22.

²⁸ LEÃO XIII, PP. *Providentissimus Deus*, 1, 7, 9. No Concílio de Trento, foi promulgado, em 1546, o “Decreto Sobre as Escrituras Canônicas”. Ali reza que se deve receber e venerar todos os livros do AT e do NT, com igual afeto de piedade e reverência, pois Deus é o mesmo autor de ambos (CONCÍLIO Ecumênico de Trento, sessão IV, Decreto Sobre as Escrituras Canônicas). Da mesma forma deveriam ser recebidas “as mencionadas traduções pertencentes à fé e aos costumes, como as que foram ditadas verbalmente por Jesus Cristo ou pelo Espírito Santo, e conservadas perpetuamente sem interrupção pela Igreja Católica.” (CONCÍLIO Ecumênico de Trento, sessão IV, Decreto Sobre as Escrituras Canônicas).

Encíclica *Spiritus Paraclitus*. Nesta carta, o pontífice toma diversas citações de Jerônimo para reforçar as doutrinas da dignidade divina e verdade absoluta da Sagrada Escritura, bem como sua inspiração pelo Espírito Santo, “sem pôr em dúvida, por outra parte, que cada um dos seus autores, segundo sua própria natureza e gênio, hajam colaborado com a inspiração de Deus.”²⁹

Em honra ao jubileu de ouro da *Providentissimus Deus* no ano de 1943, o Papa Pio XII emitiu a *Divino Afflante Spiritu*; na qual chamou a atenção para: a) as descobertas arqueológicas;³⁰ b) a crítica textual;³¹ c) o estado contemporâneo das ciências bíblicas, que exige nova investigação e novo exame por parte dos exegetas;³² d) a importância de se descobrir o gênero literário de um texto;³³ e e) o estudo das antiguidades bíblicas e a conveniência de o promover.³⁴ Nesta carta, Pio XII afirma que os hagiógrafos foram órgãos ou instrumentos do Espírito Santo, escrevendo sob moção divina; mas que, ao mesmo tempo, foram instrumentos vivos e racionais, que usaram suas faculdades e energias.³⁵ A partir daí em diante, eruditos católicos foram se deslocando para a vanguarda da erudição histórico-crítica. Isto proporcionou uma ampla diversidade de teorias a respeito da inspiração.³⁶

Na primeira metade do século XX surge também a Neo-Ortodoxia protestante. Karl Barth, seu primeiro e maior expositor, desenvolveu uma “Teologia da Palavra”, segundo a qual Deus profere Sua Palavra decisiva em Jesus Cristo, que é a única revelação no sentido verdadeiro. A Escritura e a mensagem pregada são apenas testemunhos da revelação, mas o Senhor, em Sua graça, dirige-Se a nós por meio delas.³⁷ Em realidade, para Barth, “a Bíblia não é a Palavra de Deus, ela se torna a Palavra de Deus para o crente, à medida em que Cristo é revelado por ela.”³⁸ A doutrina da inspiração bíblica de Barth “diz respeito, em primeira instância, não à sua origem divina no passado, mas à sua instrumentalidade divina no presente.”³⁹

²⁹ BENTO XV, PP. *Spiritus Paraclitus*, 10. Ver também 11, 14, 16, 17, 20, 25.

³⁰ PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 11.

³¹ PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 13.

³² PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 18.

³³ PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 20, 21.

³⁴ PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 22.

³⁵ PIO XII, PP. *Divino Afflante Spiritu*, 19.

³⁶ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.60.

³⁷ VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.59.

³⁸ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.198. Ver BARTH, K. *Church Dogmatics*, p.40, 74.

³⁹ PACKER, J. I. *Confrontando os conceitos dos nossos dias acerca da Escritura*, p.85.

Embora os teólogos neo-ortodoxos concedam em sua teologia um lugar central à divina revelação, ainda assim consideram a Escritura apenas um testemunho humano falível dessa revelação.⁴⁰ À semelhança de Schleiermacher, Emil Brunner ensinava que a verdade consiste num encontro Eu-Tu, não em declarações objetivas;⁴¹ e à semelhança de Barth, ensinava que a revelação divina não é a Bíblia, mas a pessoa de Jesus Cristo.⁴²

Contudo, em resposta ao movimento neo-ortodoxo, muitos teólogos protestantes e evangélicos parecem ter ido para um outro extremo, o fundamentalismo, advogando e mantendo a teoria da inspiração verbal e o conceito da inerrância absoluta das Escrituras Sagradas.

2. A Teoria da Inspiração Verbal e o Conceito de Inerrância Bíblica

Em meados do século XVII, o escolástico reformado suíço Francis Turretin publicou a sua obra *Instituto theologiae elenticae*, na qual se recusou “a admitir que pudesse existir qualquer erro na Bíblia, até nos mínimos detalhes.”⁴³ Esta literatura foi tomada como “o principal livro-texto de teologia sistemática do Seminário de Princeton por sessenta anos;”⁴⁴ e foi a partir dali que esta teologia escolástica de Turretin passou a influenciar significativamente o protestantismo e o evangelicalismo americano.⁴⁵

Na Conferência Bíblica realizada em 1878 na cidade de Clifton Springs, NY, foi elaborada uma declaração com quatorze pontos essenciais do Cristianismo, sendo o primeiro deles a inspiração verbal da Bíblia.⁴⁶

No ano de 1881, Archibald A. Hodge e Benjamin B. Warfield reagiram à crítica histórica de Karl H. Graf, Abraham Kuenen e Julius Welhausen publicando o seu famoso artigo *Inspiration*,⁴⁷ que posteriormente foi transformado em livro.

⁴⁰ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.59.

⁴¹ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.59.

⁴² GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.198-199.

⁴³ GERSTNER, J. H. A Doutrina da Igreja Sobre a Inspiração Bíblica, p.46. Ver também RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.17; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.170-171.

⁴⁴ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.17.

⁴⁵ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.17.

⁴⁶ MALHEIROS, I. Teologia ou Estereótipo, p.258, 276.

⁴⁷ GEISLER, N. L.; NIX, W. E. Introdução Geral à Bíblia, p.175-176, 178.

Ali eles advogam a inspiração verbal e a inerrância dos autógrafos⁴⁸ da Sagrada Escritura, argumentando que não apenas os pensamentos, mas as próprias palavras da Bíblia eram infalíveis,⁴⁹ pois, segundo eles, jamais se poderia traçar uma linha racional “entre os pensamentos e as palavras das Escrituras.”⁵⁰

Por ocasião da Assembleia Geral Presbiteriana de 1910, foram promulgados os cinco pontos do fundamentalismo,⁵¹ cujo primeiro deles reza o seguinte: “É uma doutrina essencial da Palavra de Deus e de nossos padrões, que o Espírito Santo tanto inspirou quanto guiou e moveu os escritores das Sagradas Escrituras, como os preservou de erro.”⁵²

2.1. Inspiração Verbal

A teoria da inspiração verbal preconiza alguma participação dos hagiógrafos, entendendo que eles contribuíram com seu estilo, personalidade, cultura e com o gênero literário que escolheram utilizar. Entretanto,

declaram que Deus controlou todos os processos e aspectos envolvidos, tais como a individualidade dos escritores, seu treinamento, experiência e o meio ambiente, de modo que as palavras utilizadas fossem, não apenas do homem, mas do próprio Deus. Ele fez uso das melhores palavras, mesmo que fosse grego inferior ou linguagem de criança, a fim de ser verbalmente entendido. Assim, aquilo que a Bíblia diz, é Deus quem diz – através de agentes humanos e sem erro.⁵³

⁴⁸ Ou seja, os textos originais.

⁴⁹ HODGE, A. A.; WARFIELD, B. B. *Inspiration*, p.16, 18-19, 21-23, 27.

⁵⁰ HODGE, A. A.; WARFIELD, B. B. *Inspiration*, p.23.

⁵¹ MALHEIROS, I. *Teologia ou Estereótipo*, p.258-259.

⁵² THE DOCTRINAL Deliverance of 1910. Tradução do autor.

⁵³ REIS, E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.63-64. Ver também PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p.84. Para maiores detalhes acerca da teoria da inspiração verbal pelos seus próprios proponentes, ver WARFIELD, B. B. *A Inspiração e Autoridade da Bíblia*, p.359-362; BOYCE, J. M. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, p.12; DECLARAÇÃO de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia, p.2; ZUCK, R. B. *A Interpretação Bíblica*, p.79; GILBERTO, A. *A Bíblia Através dos Séculos*, p.34-35; PACKER, J. I. *Inspiração*, p.619-620; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.224; BAPTISTA, D. *A Supremacia das Escrituras*, p.23-25.

Os proponentes da inspiração verbal costumam se apegar a 2Tm 3,16 para tentar fazer valer a sua teoria.⁵⁴ Sua leitura do versículo é que “cada palavra da Escritura é inspirada por Deus”. Porém, esta interpretação é passível de questionamento. Se as palavras da Sagrada Escritura foram inspiradas por Deus uma a uma, como explicar as diferenças na forma de escrever, nela presentes? Analise-se as formas de escrita do NT. O Evangelho de Marcos, 1Pedro e o *Corpus Joanicum* (especialmente o Livro do Apocalipse) contêm um vocabulário simples e reduzido. Já a obra Lucas-Atos e o *Corpus Paulinum* contêm uma linguagem mais rica e um vocabulário mais rebuscado, e a Epístola aos Hebreus mais ainda. Isto leva o estudioso a uma pergunta: Se a Bíblia contivesse a *ipsissima verba Dei*, não deveria ela ter sido toda escrita num estilo único? Contudo, como se pode ver, as Escrituras trazem muitos estilos diferentes.⁵⁵ E estes estilos não são apenas literários, mas formas de se exprimir por meio da escrita mesmo.

Outros aspectos que carecem de explicação pela teoria verbal: a) várias citações do AT no NT diferem, tanto do Texto Hebraico (TH) quanto da Septuaginta (LXX); b) os mesmos discursos e milagres de Cristo aparecem relatados de maneiras diferentes nos Evangelhos; c) seria impossível traduzir a Bíblia para outros idiomas, uma vez que várias línguas, especialmente os dialetos mais primitivos, não possuem palavras em completa equivalência com as línguas bíblicas originais (hebraico, aramaico e grego).⁵⁶

Ademais, os Evangelhos representam o maior obstáculo para a teoria verbal,⁵⁷ pois tratam-se de quatro quadros diferentes, ainda que não opostos, de uma mesma pessoa. Como explicar, à luz do verbalismo, as distinções clássicas, já longa e largamente conhecidas, entre os Sinóticos e o Evangelho de João?⁵⁸ Por que, por mais que se tente harmonizar os quatro Evangelhos, é tão difícil chegar à *ipsissima verba Christi*? À guisa de ilustração, observe-se as dessemelhanças, pequenas, conquanto existentes, nos quatro relatos da multiplicação dos pães e peixes (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13). As dessemelhanças dos

⁵⁴ WARFIELD, B. B. A Inspiração e Autoridade da Bíblia, p.105; PACKER, J. I. Inspiração, p.618; ZUCK, R. B. A Interpretação Bíblica, p.79; BAPTISTA, D. A Supremacia das Escrituras, p.23.

⁵⁵ REIS, E. Introdução Geral à Bíblia, p.63.

⁵⁶ REIS, E. Introdução Geral à Bíblia, p.63.

⁵⁷ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.19.

⁵⁸ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.24; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura, p.199-201.

detalhes são um pouco mais frequentes nas narrativas da paixão (Mt 26,1-27,66; Mc 14,1-15,47; Lc 22,1-23,56; Jo 13,1-19,42) e mais ainda nos relatos da infância (Mt 1,1-2,23; Lc 1,5-2,52)⁵⁹ e da ressurreição de Cristo (Mt 28,1-20; Mc 16,1-20; Lc 24,1-53; Jo 20,1-21,23).⁶⁰ Inclusive, cada Evangelho traz uma inscrição diferente na placa da cruz, ainda que a expressão “Rei dos Judeus” seja comum aos quatro (Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19).⁶¹ Mediante todos estes testemunhos bíblicos, seria coerente advogar que é Deus quem está se expressando ali, usando suas próprias palavras?

2.2. Inerrância bíblica

Quase um século depois da publicação do artigo de Hodge e Warfield, e mantendo a posição ali defendida, um grupo de quase trezentos influentes pastores evangélicos compôs o Concílio Internacional Sobre a Inerrância da Bíblia, que se reuniu por três dias do mês de novembro de 1978, na cidade de Chicago. Ali eles publicaram a famosa “Declaração de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia”, composta de uma Declaração Resumida e dezenove Artigos de Afirmação e Negação, seguidos por uma explanação.⁶²

Como adeptos do conceito da inerrância bíblica, acham-se os teólogos da vanguarda do fundamentalismo evangélico até hoje. Embora assumindo que não podem explicar todos os aparentes erros, defendem a inerrância bíblica para os manuscritos originais, mas não para qualquer cópia.⁶³ Asseveram que, se a Bíblia contém erros de natureza histórica e científica, é lógico supor que erra também em assuntos teológicos e doutrinários, e que é impossível explicar e defender a ideia de que a Bíblia foi divinamente supervisionada em parte do

⁵⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.192-196.

⁶⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.202-207.

⁶¹ É digno de nota que nenhuma destas divergências existentes em diferentes narrativas ou discursos bíblicos sobre os mesmos acontecimentos implicam, necessariamente, em comprovação de que não foram históricos; ou que se tratem, necessariamente também, de contradições, pois muitas destas divergências são harmonizáveis. Na verdade, estas divergências chegam a corroborar com a historicidade dos relatos; até porque maiores são as convergências, e a mensagem teológica que se preserva é a mesma.

⁶² DECLARAÇÃO DE Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia, p.2-6; REIS, E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.213-218; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.178-179, 209-214.

⁶³ ARCHER, G. *O Testemunho da Bíblia à sua Própria Inerrância*, p.101; ZUCK, R. B. *Interpretação Bíblica*, p.79, 82; BAPTISTA, D. *A Supremacia das Escrituras*, p.37-38.

seu conteúdo (fé e prática) mas não em sua totalidade.⁶⁴ Daí, concluem que a doutrina da inerrância não pode ser sequer questionada por “uma falta de precisão técnica contemporânea, irregularidades de gramática ou ortografia, descrições da natureza feitas com base em observação, [...], uso de hipérbole e números arredondados, [...] ou uso de citações livres.”⁶⁵

Não seria isto uma forma de se tentar impor uma dicotomia entre fé e ciência, supervalorizando a primeira em detrimento da segunda? Como é possível afirmar que os autógrafos não continham erros de qualquer natureza, se eles não estão à disposição hoje, e o que se tem são apenas cópias de cópias? Além disso, como negar os erros que existem na Bíblia do ponto de vista de detalhes factuais, cronológicos, matemáticos, biológicos, astronômicos, geográficos, de citações de memória etc.?

Ao longo dos últimos três séculos e neste presente século XXI, muitos críticos tomaram e tomam esses e outros casos de discrepâncias como prova de que a Bíblia é uma produção de inspiração intuitiva meramente humana, e, por conseguinte, indigna de confiança. Por outro lado, muitos crentes têm tentado em vão harmonizar cada uma dessas pequenas contradições de relatos ou pormenores de linguagem fenomenológica antiga com a ciência moderna; fazendo para isto, às vezes, acrobacias hermenêuticas.⁶⁶ Fernando L. Canale observa: “Em vez de impedir que os oponentes ataquem a veracidade das Escrituras, a alegação de inerrância lhes serve de estímulo para a elaboração de novos argumentos.”⁶⁷

Entretanto, quando compreendemos bíblicamente como funciona a inspiração divina, é possível encontrar uma solução para este dilema. A Bíblia

⁶⁴ ARCHER, G. O Testemunho da Bíblia à sua Própria Inerrância, p.105; SPROUL, R. C. Sola Scriptura, p.136.

⁶⁵ DECLARAÇÃO de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia, p.5 (art. XIII). Baptista comenta: “Em síntese, a inerrância é a doutrina segundo a qual a Bíblia não contém erro algum. Desse modo, a Escritura é isenta de erros nos aspectos doutrinários, espirituais, éticos, morais, históricos, culturais, científicos e em todos os demais temas. O argumento é irrefutável: Deus não pode errar e, como a Bíblia é divinamente inspirada, ela não pode conter erros. Assim sendo, a inerrância, a infalibilidade e a inspiração estão entrelaçadas. [...] Portanto, a Escritura é infalível em todas as matérias que trata; não possui erros” (BAPTISTA, D., A Supremacia das Escrituras, p.34, 36). Para maiores detalhes sobre o conceito de inerrância bíblica pelos seus próprios proponentes, ver PACKER, J. I. Confrontando os Conceitos dos Nossos Dias Acerca da Escritura, p.76, 92-94; ARCHER, G. O Testemunho da Bíblia à sua Própria Inerrância, p.112-113.

⁶⁶ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.23.

⁶⁷ CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.191.

nunca pretendeu ou vindicou ser inerrante nestes termos de precisão de detalhes científicos. Isto não foi o objeto principal da revelação divina. Deus não tirou os homens do tempo e lugar onde eles viviam. Não corresponde à realidade a ideação de “um homem à frente de seu tempo”. Os escritores sagrados, por mais que tenham sido divinamente inspirados e recebido revelações do céu, continuaram a ser pessoas da antiguidade, que viveram até o século I d.C., e que, em sua maioria, eram naturais do Antigo Oriente Próximo. Por isso, a Bíblia Sagrada nunca pretendeu ser autoridade em pormenores de biologia, matemática, astronomia, física, cronologia e geografia. O que não desfaz a sua condição de Palavra de Deus. Precisão numérica e geográfica pode ter sido uma *conditio sine qua non* para as antigas listas telefônicas; não o sendo, porém, para a inspiração bíblica.⁶⁸

É preciso esclarecer também que, quando se considera aqui haver erros na Bíblia, não são erros do ponto de vista bíblico, ou seja, dolo ou engano intencional.⁶⁹ Porém, nas Escrituras, o Criador não se pôs a prova como escritor. Também é preciso frisar que estas Escrituras têm, pelo menos, duas finalidades práticas segundo elas mesmas: a) salvação por meio de Jesus Cristo (Jo 20,30-31); e b) maturidade espiritual do crente no ser e no agir (2Tm 3,16-17). Consequentemente, todo o seu ensino no tocante a estas finalidades, que constituem o cerne da revelação, a saber, a vontade salvífica de Deus, não contém erros. Ou seja, embora não seja inerrante em todos os seus detalhes, a Bíblia é infalível em tudo o que diz sobre salvação, fé e conduta ética e moral.⁷⁰

⁶⁸ Rodor comenta: “Um documento inerrante não é necessariamente um documento inspirado. É possível escrever um texto de matemática ou geometria que não contenha nenhum erro, mas isto não torna estes livros divinamente inspirados.” RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.19.

⁶⁹ RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância, p.23.

⁷⁰ DV 11; TIMM, A. R. Understanding Inspiration, p.14-15; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura, p.110-112; AGOSTINI FERNANDES, L. Inspiração, p.476, 480; GONZAGA, W. A Bíblia, p.8. Timm ainda comenta: “Conquanto não fechemos nossos olhos para os problemas reais que existem nos escritos proféticos, deveríamos desenvolver uma aproximação mais respeitosa destes escritos, que nos permitam enfatizar: (1) mais do conteúdo das mensagens divinas do que seus continentes humanos, e (2) mais do cerne destas mensagens do que suas questões marginais, de tal maneira que os elementos fundamentais permaneçam como fundamentais, e aqueles que são periféricos permaneçam como periféricos. O centro de nossa fé deveria repousar sobre aquilo que é o cerne da revelação inspirada, em vez de necessitar reforçar explicações daquilo que é periférico.” TIMM, A. R. Understanding Inspiration, p.15. Tradução do autor.

Ainda sobre essa questão, vale ressaltar que nem todos os aparentes erros e contradições da Bíblia são de fato erros e contradições. Por este motivo, é preciso que o estudante das Escrituras, ao se deparar com um texto difícil, faça uma exegese acurada com oração e honestidade intelectual,⁷¹ crendo que o mesmo Espírito, que inspirou os profetas e apóstolos, iluminará o seu entendimento. Nas palavras da Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada com o mesmo espírito com que foi escrita.”⁷²

3. Um Conceito Bíblico de Inspiração

Os Evangelhos registram que Jesus apelou muitas vezes para o AT e o citou outras tantas, indicando que ele possui autoridade divina.⁷³ Em Mt 15,4,6 Jesus afirma que Ex 20,12 e 21,17 é o que “Deus disse” e “Palavra de Deus”. No discurso de Cristo em Mc 7,1-13, o conteúdo da *torāh* recebe a mesma nomenclatura de “Palavra de Deus” (vv.10,13).⁷⁴ Em Mc 12,35-37 Jesus alega que Davi falou pelo Espírito Santo no Sl 110(109).⁷⁵ E, de acordo com Jo 10,34-35, para Jesus Cristo, tanto o Sl 82(81),6, quanto a Escritura como um todo, é a Palavra de Deus, que não pode ser anulada. Aliás, nos Evangelhos de Mateus e de João, os escritores do AT foram mensageiros do Senhor, cuja Palavra fora dada por intermédio deles.⁷⁶ No *Benedictus*, as mensagens proferidas pela boca dos santos profetas são consideradas como promessas de Deus “desde tempos remotos” (Lc 1,70).⁷⁷

Esta consciência de inspiração pelo Espírito Santo também estava presente nos autores do NT em relação aos seus próprios escritos. Por exemplo, em 1Cor 2,13; 14,37; 2Cor 13,3; 1Ts 2,13, o Apóstolo Paulo dá indícios de ter convicção

⁷¹ HASEL, F. M. *Existem Erros na Bíblia?* p.51.

⁷² DV 12.

⁷³ Mt 4,4.7.10; 21,42; 22,29; 26,54.56; Mc 11,17; Lc 4,17-21.25-27; 18,31; 22,37; 24,25.27.32.44; Jo 5,39; 7,38.42; 13,18; 17,12. PACKER, J. I. *Inspiração*, p.620; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.92; GEISLER, N. L.; NIX, W. E., *Introdução Geral à Bíblia*, p.54, 86-87.

⁷⁴ CHAMPLIN, R. N. *Escrituras*, p.474.

⁷⁵ CHAMPLIN, R. N. *Escrituras*, p.474.

⁷⁶ Mt 1,22; 2,15.17.23; 4,14; 8,17; 12,17-21; 11,10; 13,35; 21,4-5; 27,9; Jo 2,22; 19,24.28.36-37; 20,9. DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.734-735; CHAMPLIN, R. N. *Escrituras*, p.474; ZUCK, R. B. *A Interpretação Bíblica*, p.80-81; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p. 92; GEISLER, N. L.; NIX, W. E., *Introdução Geral à Bíblia*, p.86.

⁷⁷ DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.733.

de que a mensagem que ele escrevia e pregava era, na verdade, de origem divina.⁷⁸ O prólogo do Apocalipse declara que o livro é uma revelação de Deus Pai a Jesus Cristo, que enviou o seu anjo para mostrar ao seu servo João as coisas que, em breve, deveriam acontecer (Ap 1,1).⁷⁹ O NT sugere que os escritos apostólicos também foram aceitos pela Igreja do século I como parte das Escrituras Sagradas, juntamente com o AT. 1Tm 5,18 justapõe uma declaração de Jesus em Lc 10,7 com uma citação de Dt 25,4, introduzindo ambas com a locução: “Pois a Escritura diz:...”. A frase introdutória indica que o autor de 1Tm 5,18 estava familiarizado com o Evangelho de Lucas e o reconhecia como Escritura. Semelhantemente, 2Pd 3,15-16 admite que as epístolas de Paulo compõem as Escrituras, e que ele as escreveu “segundo a sabedoria que lhe foi dada” (v.15b).⁸⁰ Inclusive, no Apocalipse, a palavra “profecia” tem o mesmo sentido que lhe era dado no AT (Ap 1,3; 22,9-10.18-19).⁸¹

3.1. O significado de inspiração divina

Um vocábulo que pudesse propriamente ser traduzido como “inspiração” não consta nos textos bíblicos em suas línguas originais. Antes, provém da Vulgata Latina. Ali há o verbo *inspiro* (Gn 2,7; Sb 15,11; Eclo 4,12; 2Tm 3,16; 2Pd 1,21) e o substantivo *inspiratio* (2Sm 22,16; Jó 32,8; Sl 17,16; At 17,25); com “aplicações um pouco diferentes entre si. No desenvolvimento de uma nomenclatura teológica, porém, eles adquiriram (juntamente com outras aplicações menos frequentes) um sentido técnico com referência aos escritores da Bíblia ou aos livros bíblicos.”⁸²

⁷⁸ DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.733; CHAMPLIN, R. N. *Escrituras*, p.474-475; ZUCK, R. B. *A Interpretação Bíblica*, p.81. A mesma atribuição de origem divina às mensagens de Paulo e dos outros apóstolos e profetas do NT é dada em Ef 3,1-5. GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.57.

⁷⁹ BAPTISTA, D. *A Supremacia das Escrituras*, p.24. Aliás, no Livro do Apocalipse, há uma relação de proveniência e dependência, estreita, direta e profunda de Deus (Ap 1,1-3.10; 4,1-2; 17,3; 21,10). PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.78-82.

⁸⁰ DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.733; VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.43; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.56.

⁸¹ DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.733; GEISLER, N. L.; NIX, W. E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.57.

⁸² WARFIELD, B. B. *A Inspiração e Autoridade da Bíblia*, p.106.

A palavra grega traduzida pela Vulgata como *divinitus inspirata* (“divinamente inspirada”) aparece no NT unicamente em 2Tm 3,16, e é θεόπνευστος,⁸³ que significa, literalmente, “soprada por Deus,”⁸⁴ como reza a *New International Version* (“*God-breathed*”). Vale ressaltar que o termo não diz respeito ao *modus operandi* da inspiração, e sim à sua origem.⁸⁵

Como já supracitado, o outro texto do NT em que o verbo *inspiratio* consta na Vulgata Latina é em 2Pd 1,21, só que como uma tradução do grego φερόμενοι. Este particípio se encontra na voz passiva do verbo φέρω, tendo o sentido de “ser movido”⁸⁶ ou “impelido.”⁸⁷ Sobre 2Pd 1,21, Celsas Spicq comenta: “Provavelmente não há dogma mais universalmente reconhecido no judaísmo, do qual a Igreja Cristã o tomou emprestado: um profeta não fala de si mesmo, ele é apenas o eco de outra voz, o intérprete de Deus.”⁸⁸ E analisando os vv.19-21, Green fala o seguinte:

Podemos confiar na Escritura porque por trás dos seus autores está Deus. Os profetas não inventaram o que escreveram. Não o deslindaram arbitrariamente. [...] A profecia verdadeira vinha da parte de Deus e, embora fossem homens, os profetas eram *movidos* ou “levados adiante” pelo Espírito Santo. Pedro, pois,

⁸³ SCHWEIZER, E. *theópneustos*, p.806; MOUNCE, W. D. *Pastoral Epistles*, p.565.

⁸⁴ WARFIELD, B. B. *A Inspiração e Autoridade da Bíblia*, p.107-108; CORDERO, G. M. *Inspiración*, p.190; PACKER, J. I. *Inspiração*, p.618; REIS, E. *Introdução Geral à Bíblia*, p.65; MOUNCE, W. D. *Pastoral Epistles*, p.565-566; BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p.168; BAPTISTA, D. *A Supremacia das Escrituras*, p.24-25. Bassler explica que o vocábulo θεόπνευστος já era aplicado na Grécia Antiga para os oráculos délficos: “Estes oráculos eram proferidos por pessoas – geralmente mulheres – que eram cheias do sopro de Apolo (Plutarco, ‘*Obsolescência dos Oráculos*’, 40-42, 50-51; ‘*Oráculos Sibilinos*’, 5.308). Todavia, a palavra também alude ao relato da criação em Gênesis 2, que descreve o poder criativo e doador de vida do sopro de Yahweh (Gn 2:7, ver também Jó 33:4; Sl 33[32]:6).” (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p.168). Tradução do autor.

⁸⁵ MOUNCE, W. D. *Pastoral Epistles*, p.566.

⁸⁶ GINGRICH, F. W. φέρω, p.210; DE FRAINE, J. *Inspiração*, p.733.

⁸⁷ WEISS, K. Phéro, p.1137. Em At 27,15.17 o verbo φέρω na voz passiva é empregado para descrever um navio que estava sendo levado pelo vento. “Os profetas içaram suas velas, por assim dizer (eram obedientes e receptivos), e o Espírito Santo as enfunou e levou seu barco na direção por ele desejada. Os homens falavam: Deus falava.” GREEN, M. *II Pedro e Judas*, p. 87.

⁸⁸ SPICQ, C. *Les Épitres de Saint Pierre*, p.225.

está falando acerca da origem divina da Escritura, não acerca da sua interpretação apropriada.⁸⁹

Levando-se em consideração 2Tm 3,14-16; 2Pd 1,19-21 e os demais textos bíblicos já citados neste artigo, pode-se dizer que, por inspiração divina, entende-se a assistência especial que o Divino Espírito Santo concede aos seus mensageiros (profetas e apóstolos), tanto para receberem a divina revelação, quanto para comunicá-la, quer de forma falada, quer de forma escrita.⁹⁰

3.2. Fatores humanos na composição dos livros bíblicos

A inspiração divina não apagou as impressões digitais humanas na produção dos livros bíblicos. Muitos deles têm o nome de um homem ligado a si. Todos carregam em si as marcas da autoria humana. Essa autoria, às vezes, é atribuída na abertura de alguns livros, como por exemplo: “Provérbios de Salomão” (Pr 1,1); “Palavras de Jeremias” (Jr 1,1); “Paulo [...] à igreja de Deus que está em Corinto” (1Co 1,1-2); “O presbítero ao amado Gaio” (3Jo 1). Em certas ocasiões, os autores referem-se a si mesmos com pronomes pessoais (“eu”, “nós”) e possessivos (“mim”, “nosso”), e registram também as suas próprias experiências (Esd 8,15-30; Ne 1,1-11; Gl 1,11-2,10).

Alguns livros da Bíblia mais parecem clássicos da literatura mundial, visto serem expressão das emoções humanas mais profundas. Jó e Rute retratam histórias dramáticas; há amor apaixonado e delicado no Cântico dos Cânticos; suspense emocionante em Ester e aflição profunda em Lamentações de Jeremias. É impossível permanecer insensível ao apelo de Paulo por um escravo fugitivo na Epístola a Filêmon.

O prólogo do Evangelho de Lucas fornece evidência de pesquisa documental e com pessoas da comunidade (Lc 1,1-4);⁹¹ o Livro de Atos e o *Corpus Paulinum* fazem referência a poetas seculares (At 17,28; 1Cor 15,32-

⁸⁹ GREEN, M. II Pedro e Judas, p.86-87.

⁹⁰ Para a diferenciação entre revelação e inspiração, ver: CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.21-22; AGOSTINI FERNANDES, L. A Bíblia e a sua Mensagem, p.54-55, 59-61; GONZAGA, W. A Bíblia, p.7-8.

⁹¹ Com certeza houve pesquisa documental também para se produzir, pelo menos, boa parte dos livros históricos do AT (1Rs 14,19,29; 15,7,23,31;... 2Rs 1,18; 8,23; 10,34; 12,20; 13,8,12;... 2Cr 9,29; 16,11; 24,27; 25,26; 27,7; 28,26;... Est 10,1-2).

33; Tt 1,12); e a Epístola de Judas cita os livros da Assunção de Moisés e de Henoc (Jd 9.14-15), considerados pelo judaísmo ortodoxo e pelas várias denominações cristãs como apócrifos.

Numerosas referências históricas vinculam os escritos bíblicos à época e ao contexto cultural em que foram produzidos. Muitas leis do Pentateuco apresentam extraordinários pontos em comum com outras leis da antiguidade, como o Código de Hamurabi, por exemplo. E várias formas literárias das Escrituras possuem semelhanças com a literatura secular de sua época, conferindo à Bíblia um rosto genuinamente humano; haja vista os importantes paralelos que se podem traçar entre alguns salmos e a literatura religiosa canaanita, bem como entre alguns provérbios bíblicos e os provérbios egípcios.⁹²

Paulo e Pedro são nomes clássicos de autores do NT que se valeram de escribas como secretários (Rm 16:22; 1Co 16,21; 1Pd 5,12). Salmos e Provérbios, por exemplo, são nítidos exemplos de compilação de escritos.⁹³ Além disso, as evidências de processos de edição não são raras na Bíblia.⁹⁴

⁹² VAN BEMMELEN, P. M. *Revelação e Inspiração*, p.40. Os Salmos apresentam, em média, um *background* 51% ugarítico e cananeu. Porém, alguns como os SI 29(28); 93(92); 110(109) contêm paralelos com o ugarítico e o cananeu em 71% do seu texto COPPENS, J. *La Portée Messianique du Psaume CX*, p.17. Quanto ao Livro de Provérbios, por exemplo, sabe-se hoje que a passagem de 22,17-24,22, as “trinta máximas de conselho e conhecimento” (Pr 20,22), é posterior ao texto egípcio *Ensinamento de Amen-em-opet* “e depende literariamente dele, mesmo que não servilmente.” LÍNDEZ, J. V. *Sabedoria e Sábios em Israel*, p.21.

⁹³ Há diferentes coleções nos Salmos: davídicas (SI 3–41[40]; 51[50]–72[71]; 86[85]; 101[100]; 103[102]; 108[107]–110[109]; 122[121]; 124[123]; 131[130]; 133[132]; 138[137]–145[144]), Salmos atribuídos a Asaf (SI 73[72]–83[82]), aos filhos de Coré (SI 84[83]–85[84]; 87[86]–88[87]), e Cânticos das Subidas (SI 120[119]–134[133]). No caso de Provérbios, a maioria é atribuída a Salomão (Pr 1,1; 10,1); incluindo provérbios que teriam sido transcritos pelos escribas do Rei Ezequias (Pr 25,1-29,27). Mas há também a já acima referida *Coleção dos Sábios* (22,17-24,22), seguida de uma sequência de outra *Coleção dos Sábios* (Pr 24,23-34); *Palavras de Agur*, filho de Jaces (Pr 30,1-14); e *Palavras da Mãe do Rei Lamuel* (Pr 31,1-9).

⁹⁴ Observe-se, por exemplo, as nítidas evidências de edição do Pentateuco: a) menção à monarquia israelita (Gn 36,31); b) uso da expressão “além do Jordão” (Nm 22,1; Dt 1,5; 4,46.47.49; 11,30) – o que indica alguém escrevendo já na terra conquistada; c) menções a Moisés em terceira pessoa (Dt 1,1; 4,41.44; 5,1; 27,1; 28,69; 29,1; 31,1.30; 32,44.45.48; 33,1); d) instrução dada por Moisés aos levitas para colocarem a edição do Livro da Lei daquela época ao lado da arca da aliança (Dt 31,25-26); e) narrativa da morte de Moisés (Dt 34); f) relato de Js 8,32, segundo o qual Josué “escreveu sobre pedras uma cópia da Lei de Moisés que [este] escrevera diante dos filhos de Israel.” Além disso, como é sabido pela pesquisa histórica, após o

Portanto, como se pode ver com clareza meridiana, os profetas e apóstolos, por mais que tenham sido inspirados pelo Espírito Santo, não foram meros amanuenses de um ditado divino, mas verdadeiros autores.⁹⁵ Eles foram mensageiros do Senhor, não o seu teclado.

Conclusão

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar o assunto, que é altamente complexo, por tratar de uma questão divino-humana. A relevância de um estudo como este reside no fato de que uma compreensão coerente do fenômeno da inspiração das Escrituras resulta numa exegese, numa hermenêutica, numa teologia e, conseqüentemente, numa evangelização coerentes.⁹⁶

Por outro lado, uma compreensão equivocada da inspiração bíblica pode produzir uma exegese inconsistente, que redundará em mitigação da fé, mesmo quando se objetiva o contrário. À guisa de exemplo, pode-se citar os antigos puritanos (séculos XVI e XVII). Com todas as vênias que devem ser tributadas a eles por todo o seu zelo devocional e moral, refletiam o escolasticismo reformado, que, como já visto neste artigo, começava a lançar as sementes do fundamentalismo teológico, ensinando a inspiração palavra por palavra da Bíblia e a inerrância absoluta da mesma. Qual o resultado disso já naquele tempo, com impactos até hoje sobre uma parte significativa do meio evangélico? Três principais: a) um biblicismo extremo que salienta a perfeição absoluta da Escritura e deprecia qualquer outra literatura; b) o surgimento de um método hermenêutico conhecido como texto-prova, que, às vezes, busca se

retorno do exílio, no período Persa, os escribas sacerdotais, mediante a tradição escrita preservada até ali, deram ao Pentateuco sua forma editorial final (WHITE, E. G. Profetas e Reis, p.609).

⁹⁵ DV 11; DE FRAINE, J. Inspiração, p.733; PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura, p.90; AGOSTINI FERNANDES, L. Inspiração, p. 476; GONZAGA, W. A Bíblia, p.7.

⁹⁶ CANALE, F. Revelação e Inspiração, p.48; CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.29-32. “Uma doutrina inadequada de revelação-inspiração produz uma visão distorcida e confusa da teologia que afeta desfavoravelmente a vida e a missão da igreja. Por exemplo, cristãos que creem que as Escrituras são o produto da imaginação de indivíduos, tendem a evitar o evangelismo e identificam ações cristãs como envolvimento político e social. Portanto, a melhor metodologia para um empreendimento missionário bem-sucedido é ter uma compreensão clara da teologia bíblica. E a revelação-inspiração é o primeiro dentre os passos necessários para se chegar a essa compreensão.” (CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.32).

valer de palavras ou frases fora de seu contexto para sustentar uma determinada doutrina⁹⁷ e para regulamentar cada pormenor de conduta religiosa ou social; e c) um ultraliteralismo exegético⁹⁸.

Após a presente investigação, a conclusão que se chega é que tanto a teoria natural quanto a verbal são dois extremos sobre o conceito de inspiração da Sagrada Escritura – o primeiro, produto do liberalismo; o segundo, do fundamentalismo.

Talvez o leitor esteja se indagando neste momento: Mas se tanto o naturalismo quanto o verbalismo estão bíblicamente equivocados, qual seria a teoria correta, então? Acontece que esta não é uma resposta simples de se dar, pois a Bíblia, por não trazer uma doutrina sistematizada sobre inspiração, não deixa nítido qual seria, nos pormenores, o *modus operandi* da mesma. Todavia, depois do estudo aqui demonstrado, a algumas conclusões se pode chegar.

A principal delas é que o *locus* primário da inspiração não são as palavras, mas sim os escritores.⁹⁹ O resultado desta inspiração é a Escritura, que conseqüentemente, é divinamente inspirada também (2Tm 3,16)¹⁰⁰, não palavra por palavra, mas em sua mensagem. E isto não significa que a Bíblia apenas contenha a Palavra de Deus. Não, ela é a Palavra de Deus. Daí fazer sentido, até certo ponto, a teoria da inspiração das ideias ou do pensamento, adotada por alguns teólogos atualmente.¹⁰¹ Segundo esta teoria, entende-se que o Espírito Santo encheu a mente dos hagiógrafos, e eles usaram as suas próprias palavras para escrever¹⁰², palavras que refletiam a sua época, ambiente, cultura e nível educacional.

Entretanto, conquanto a inspiração do pensamento seja o modelo mais evidente para a maioria dos casos da Sagrada Escritura, ela não é o único e, por causa disto, torna-se insuficiente e limitado para explicar todo o fenômeno da

⁹⁷ GANE, E. R. The Exegetical Methods of Some Sixteenth-Century Puritan Preachers, part I, p.23, 36.

⁹⁸ GANE, E. R. The Exegetical Methods of Some Sixteenth-Century Puritan Preachers, part II, p.111.

⁹⁹ VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.45.

¹⁰⁰ DV 14; VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração, p.45.

¹⁰¹ CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.180.

¹⁰² REIS, E. Introdução Geral à Bíblia, p.64-65; CANALE, F. O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã, p.180.

inspiração bíblica. E aqui faz-se necessária uma pausa para profunda reflexão com humildade.

Neste ponto, duas ressalvas são pertinentes: a) uma parte das Escrituras não foi inspirada; em vez disto, foi escrita pelo próprio dedo de Deus em tábuas de pedra: os Dez Mandamentos (Ex 31,18)¹⁰³; e b) a inspiração divina, em algumas situações específicas, também atingiu o nível preciso das palavras, que foram dadas por Deus a determinados escritores sagrados¹⁰⁴. Ou seja, quando este artigo nega a inspiração verbal como único modelo para toda a Sagrada Escritura, não se está pretendendo dizer com isto que as palavras da Bíblia não são importantes. Como explica Canale: “A direção do Espírito Santo não anulava o modo de pensar e de escrever dos escritores bíblicos, mas supervisionava o processo de escrita a fim de maximizar a clareza das ideias e prevenir, se necessário, a distorção da revelação, ou a mudança da verdade divina em uma mentira.”¹⁰⁵ Por isso, pode-se dizer que Alberto R. Timm acerta ao falar que a natureza da inspiração divina não é “monofônica”, mas “sinfônica”.¹⁰⁶

Um caso emblemático disso foi a experiência do Profeta Jeremias, relatada no capítulo 36 do seu livro. Num primeiro momento, o Senhor o inspirou a escrever todas as palavras que lhe dissera a respeito de Israel, Judá e outras nações (v.2). Para fazê-lo, porém, ele contou com o auxílio do seu escriba Baruc (v.4). Como o rei queimara a obra, o profeta foi novamente inspirado por Deus para produzir outro manuscrito (v.28), o que não foi feito sem o auxílio de seu escriba novamente, numa nova edição ampliada do primeiro (v.32). Apesar de tudo isso, as “palavras de Jeremias” naquele livro são chamadas também de “palavras de YHWH”, alternadamente (v.8.10-11). Outra situação semelhante foi a de Coélet. Mesmo depois de todo o seu trabalho de avaliação literária (Ecl 12,9-11), as palavras ali registradas são entendidas como tendo sido “dadas pelo único Pastor” (v.11).

¹⁰³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.27-28, 88.

¹⁰⁴ TIMM, A. R. *Understanding Inspiration*, p.13-14; HASEL, F. M. *Existem Erros na Bíblia?*, p.48. Ver Ex 24,4; 34,27; Is 8,1; 30,6-8; Jr 30,2; Ez 37,16; Ap 2,1.8.12.18; 3,1.7.14; 14,13; 19,9; 21,5. Sobre o caso específico do Apocalipse, que fala da revelação divina e sua colocação por escrito no livro, ver PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, p.88.

¹⁰⁵ CANALE, F. *Revelação e Inspiração*, p.65.

¹⁰⁶ TIMM, A. R. *Understanding Inspiration*, p.13-14.

Daí pode-se chegar à conclusão de que a Sagrada Escritura é uma obra de dupla autoria (divino-humana). A Palavra escrita de Deus (Bíblia Sagrada), à semelhança da Palavra encarnada (Jesus de Nazaré), é, ao mesmo tempo, 100% humana e 100% divina.

Referencias bibliográficas

AGOSTINI FERNANDES, L. **A Bíblia e a sua Mensagem**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2010.

AGOSTINI FERNANDES, L. Inspiração. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (Eds.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2015. p. 474-480.

ARCHER, G. O Testemunho da Bíblia à sua Própria Inerrância. In: BOYCE, J. M. (Ed.) **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 101-117.

BAPTISTA, D. **A Supremacia das Escrituras**: a inspirada, inerrante e infalível Palavra de Deus. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

BARTH, K. **Church Dogmatics**: a selection with introduction by Helmut Gollwitzer. Louisville; Londres: Westminster John Knox Press, 1994.

BENTO XV, PP. **Carta Encíclica Spiritus Paraclitus**, sobre la interpretación de la Sagrada Escritura. Roma. 15 set. 1920. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus.html>. Acesso em: 17 jul. 2022.

BASSLER, J. M. **1 Timothy, 2 Timothy, Titus**. Abingdon New Testament Commentaries. Nashville: Abingdon Press, 1996.

BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BOYCE, J. M. (Ed.) **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1989.

CANALE, F. **O Princípio Cognitivo da Teologia Cristã: um estudo hermenêutico sobre revelação e inspiração.** Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2011.

CANALE, F. Revelação e Inspiração. In: REID, G. W. (Ed.). **Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista.** Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2007.

CHAMPLIN, R. N. Escrituras. In: CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** São Paulo: Hagnos, 2013. v. 2. p. 469-487.

CONCÍLIO Ecumênico de Trento: sessão IV – celebrada no tempo do Sumo Pontífice Paulo III, 8 de abril de 1546. Decreto Sobre as Escrituras Canônicas. Disponível em: <<http://agnusdei.50webs.com/trento7.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

CONSTITUIÇÃO Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 23 ago. 2022.

COPPENS, J. La Portée Messianique du Psaume CX. **Ephemerides Theologicae Lovanienses.** v. 32, n. 1, p. 5-23, jan./mar. 1956.

DE FRAINE, J. Inspiração. In: VAN DEN BORN, A. (Ed.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. p. 732-735.

DECLARAÇÃO de Chicago Sobre a Inerrância da Bíblia. Disponível em: <http://www.teologia.org.br/estudos/declaracao_chicago.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

GANE, E. The Exegetical Methods of Some Sixteenth-Century Puritan Preachers: Hooper, Cartwright and Perkins, part I. **Andrews University Seminary Studies,** v. 19, n. 1, p. 21-36, 1981.

GANE, E. R. The Exegetical Methods of Some Sixteenth-Century Puritan Preachers: Hooper, Cartwright and Perkins, part II. **Andrews University Seminary Studies,** v. 19, n. 2, p. 99-114, 1981.

CORDERO, M. G. Inspiración. In: MACHO, D. A.; BARTINA, S. R. P.; GUTIÉRREZ, L. J. A. (Eds.). **Enciclopedia de la Biblia**. Barcelona: Ediciones Garriga, 1964. v. 4. p. 190-197.

GEISLER, N. L.; NIX, W. E. **Introdução Geral à Bíblia**: uma análise abrangente da inspiração, canonização, transmissão e tradução. São Paulo: Vida Nova, 2021.

GERSTNER, J. H. A Doutrina da Igreja Sobre a Inspiração Bíblica. In: BOYCE, J. M. (Ed.) **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 25-68.

GILBERTO, A. **A Bíblia Através dos Séculos**: a história e formação do Livro dos livros. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

GONZAGA, W. A Bíblia: Escritura Sagrada para judeus e cristãos. **CREatividade**, n. 2, p. 5-20, 2019.

GREEN, M. **II Pedro e Judas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1983.

HASEL, F. M. Há Erros na Bíblia? In: PFANDL, G. **Interpretando as Escrituras**: descubra o sentido dos textos mais difíceis da Bíblia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019. p. 46-52.

HODGE, A. A.; WARFIELD, B. B. **Inspiration**. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2017.

JOSEPHUS, F. Against Apion Book I. In: MASON, S. (Ed.). **Flavius Josephus**: translation and commentary. Leiden: Brill, 2007. v. 10.

LEÃO XIII, PP. **Carta Encíclica Providentissimus Deus**, sobre os estudos bíblicos.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_1-xiii_enc_18111893_providentissimus-deus.html>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LÍNDEZ, J. V. **Sabedoria e Sábios em Israel**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MALHEIROS, I. Teologia ou Estereótipo: o que define o fundamentalismo cristão? **PLURA**, v. 6, n. 2, p. 258-272, jul./dez. 2015.

MOUNCE, W. D. **Pastoral Epistles**. Word Biblical Commentary, Dallas: Word Books, 2000. v. 46.

PACKER, J. I. Confrontando os Conceitos dos Nossos Dias Acerca da Escritura. In: BOYCE, J. M. (Ed.) **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 69-98.

PACKER, J. I. Inspiração. In: DOUGLAS, J. D.; et al. (Org.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2010.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura: a Palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PIO XII, PP. **Carta Encíclica Divino Afflante Spiritu**: sobre os estudos bíblicos.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html>. Acesso em: 01 jun. 2022.

REIS, E. **Introdução Geral à Bíblia**: como a Bíblia foi escrita e chegou até nós. São Paulo: Privilégio Artes Gráficas, 2004.

RODOR, A. A. A Bíblia e a Inerrância. **Kerygma**, v. 1, n. 1, p. 16-30, 2005.

SCHLEIERMACHER, F. **The Christian Faith**. Londres; Nova York: Bloomsbury T&T Clark, 2016.

SCHWEIZER, E. Theópneustos. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company; Exeter, Devon, Reino Unido: The Paternoster Press Ltd., 1985. p. 806.

SPICQ, C. **Les Épitres de Saint Pierre**. Sources Bibliques. Paris: Gabalda, 1966.

SPROUL, R. C. Sola Scriptura: crucial ao evangelicalismo. In: BOYCE, J. M. (Ed.) **O Alicerce da Autoridade Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 121-140.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n6p278

STRONG, A. H. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Teológica Ltda., 2002. v. I.

THE DOCTRINAL Deliverance of 1910. Disponível em: <<http://www.pcahistory.org/documents/deliverance.html>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

TIMM, A. R. Understanding Inspiration. **Ministry**, Silver Spring, MD, ago. 1999, p. 13-15.

VAN BEMMELEN, P. M. Revelação e Inspiração. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 26-66.

WARFIELD, B. B. **A Inspiração e Autoridade da Bíblia: a clássica doutrina da Palavra de Deus**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

WEBER, R.; GRYSON, R. (Eds.). **Biblia Sacra Vulgata**. Stuttgart: Deutsche Bibel Gesellschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

WEISS, K. Phéro. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company; Devon: The Paternoster Press Ltd., 1985. p. 1136-1142.

WHITE, E. G. **Profetas e Reis**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

ZUCK, R. B. **A Interpretação Bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

Ygor Almeida de Carvalho Silva

Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: ygor.adv@hotmail.com

Recebido em: 01/09/2022

Aprovado em: 13/12/2022